

INTERVENÇÃO URBANA E XILOGRAVURA: UMA REFLEXÃO SOBRE O ESPAÇO URBANO E SUA OCUPAÇÃO

Carolina Prediger Koester²⁶

RESUMO

Neste artigo apresento parte da investigação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arte, da Universidade Federal de Santa Maria/RS. A pesquisa tem como propósito a execução de ações poéticas no espaço urbano que partem do conceito do pôster lambe-lambe. As imagens usadas nas intervenções são gravadas e impressas em xilogravura, as quais tem como referência objetos utilizados como utensílios de iluminação nos interiores das casas, antes da instauração da rede de distribuição elétrica na sociedade. As xilogravuras fixadas em postes de luz se dão em determinados percursos em distintos centros urbanos, sendo sua maior concentração na cidade de Santa Maria/RS. Possibilitando construir reflexões entre as dimensões interna e externa (Arendt) da construção enquanto artista, caracterizando parte desta produção reflexiva em arte contemporânea.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Arte e Visualidade. Intervenção Urbana. Xilogravura. Lambe-lambe.

Com o intuito de desenvolver uma pesquisa em Artes Visuais, no viés da prática poética, escolhi a cidade, mais especificamente o espaço urbano como o local para a sua elaboração, sendo a rua o território de exposição para as ações poéticas. A pesquisa visa tencionar uma reflexão sobre as intervenções artísticas urbanas, partindo das ações desenvolvidas. Através da utilização da xilogravura, foi sendo estabelecido um cruzamento entre imagens e seus vínculos com a esfera pública na sociedade contemporânea.

Desenvolvo uma pesquisa que torna o poste de luz o suporte para a exposição de minha produção artística. Com a xilogravura como a linguagem norteadora para a criação dos lambes, direciono o meu olhar para objetos de iluminação antigamente utilizados no interior das moradias, antes de ser instaurada a distribuição da rede elétrica. Objetos estes encontrados no porão da residência de minha avó, mais especificamente, lampiões e lamparinas, utilizados como o referencial estético e conceitual para as xilogravuras fixadas nos postes.

A pesquisa parte de uma vivência privada e se configura na esfera pública da sociedade atual, no formato de uma prática poética. A sociedade, vista hoje como uma esfera social, é baseada em torno das aparências, em que ter abrange maior grau de importância do que ser. Pensando em propor uma reflexão sobre um retorno a pequenas situações cotidianas e momentos de respiro na correria do transeunte, apoiada nos conceitos de esfera pública e privada de Hannah Arendt, pretendo oportunizar ao transeunte um possível olhar crítico sobre a cidade que habita.

²⁶ Mestranda em Artes Visuais pela UFSM.

Reminiscências

Penso que esse olhar para o poste - bem como a execução de ações poéticas no espaço urbano - estão presentes desde a minha infância, porém só tive tal percepção ao me mudar para Santa Maria/RS. Este deslocamento: sair de uma cidade de interior para ir residir em uma cidade maior, fez com que eu observasse o espaço urbano por outra ótica, pois estava habituada com um local “limpo” e, ao encontrar um espaço com tantas imagens, informações, ou seja, certa desordem, fez com que eu procurasse pontos de respiro e beleza diante deste caos aparente.

Outro ponto a ser observado, que ocorreu nesse deslocamento interior-cidade, foi sobre a minha presença enquanto transeunte no espaço urbano. A relação, que antes era marcadamente interiorana mais próxima com o outro, se refez para uma individualidade, quase que inexistindo uma troca com o outro, assim passando para um certo anonimato. O antropólogo argentino Néstor García Canclini quando faz a pergunta: o que é uma cidade? Aponta como uma oposição ao rural, ou seja, a cidade é concebida com o que não é campo.

Este enfoque, que durante la primera mitad del siglo tuvo um fuerte desarrollo, llevó a oponer em forma demasiado tajante el campo como lugar de las relaciones comunitarias, donde predominan las relaciones primarias, a la ciudad, que sería el lugar de las relaciones asociadas de tipo secundario, donde habría mayor segmentación de los roles y una multiplicidad de pertinencias. (CANCLINI, 1997, p.69)

Pensamento que parte do teórico argentino Gino Germani, o qual Canclini segue apontando:

Germani hablaba de la ciudad como núcleo de la modernidad, precisamente porque era el lugar donde nos podíamos desprender de las relaciones de pertinencia obligadas, primarias, de esos contactos intensos de tipo personal, familiar y barrial propios de los pequeños pueblos o las pequeñas ciudades, y pasar al anonimato de las relaciones asociativas, electivas, donde se segmentan los roles, que él estudiaba desde su particular herencia funcionalista. (CANCLINI, 1997, p. 69, 70)

Esse deslocamento trouxe uma nova maneira de agir no espaço urbano, pois se antes estava habituada com um cenário mais calmo, onde havia uma proximidade com o outro, a partir do momento que me insiro em uma cidade que possui um fluxo de transeuntes maior, assumindo um caráter mais agitado, faz com que minha presença na cidade se torne, de certa

maneira, imperceptível. Pensando nisso, essa necessidade de intervir no espaço público, também parte desta transição da minha própria presença enquanto um anônimo transeunte, que se dissolve entre tantos, mas que ao mesmo tempo utiliza do anonimato para expor o trabalho.

A xilogravura

No que tange à esta investigação, a manualidade da xilogravura vem ao encontro com meu objetivo ao longo de todas as etapas do processo de criação dos lambes. Escavar a madeira, entintá-la, imprimir (a força exercida na prensa no momento da impressão), fazer a cola de farinha, a colagem com as mãos do trabalho no espaço urbano, todos estes gestos partem de ações as quais não necessitam de energia elétrica, e sim do meu corpo: do intelecto e da ação.

Efetivamente, o retorno ao primeiro dos procedimentos de impressão multiplicada da imagem, nesta investigação, se deve primordialmente à necessidade de manter a independência com qualquer tipo de reprodução imagética dependente do uso da energia elétrica. Essa ênfase se deve ao fato de que nessa proposição poética busco estabelecer uma relação coerente entre os objetos escavados na madeira, dissociados do mundo da tecnologia e consequentemente da reprodução massiva das imagens contemporâneas.

Dessa maneira, através dos lambes impressos com a imagem dos objetos supracitados, fixados nos postes de luz, proponho ao transeunte uma reflexão sobre a vida em sociedade, em períodos onde o acesso à luz elétrica era (ou é) limitado. Ou seja, considero, especulo acerca da diferença deste cotidiano em comparação com o agora; penso sobre as limitações que existiam e como a atual acessibilidade transformou-se em uma necessidade diária. Simultaneamente à consciência do redimensionamento que a energia elétrica propicia à nossa atual existência, reflito sobre a íntima relação que tenho com os objetos que outrora iluminavam as casas e as vidas de familiares. Deste modo, o “poste” segue mediando uma prática poética que parte de algo privado e de uma percepção pessoal do espaço urbano.

O trânsito entre o público e o privado

Pensar nesta diferença do cotidiano é pensar, nas limitações que existiam e em como a atual sociedade torna a acessibilidade em uma imperiosa necessidade do dia-a-dia. Essas

ações de intervenção permitiram simultaneamente um nexos e um retorno à uma percepção pessoal própria do espaço urbano. Pois ao produzir xilogravuras com a imagem de objetos não mais utilizados no cotidiano, os quais possuíam fundamental importância nos interiores das casas, sendo eles, os que traziam o acesso a iluminação; abordo o conceito da esfera pública e privada de Hannah Arendt (2007) na sociedade contemporânea.

A noção do espaço público, para Arendt, é baseada em três aspectos: o primeiro é constituído pela aparência e pela visibilidade, sendo o espaço público, o local passível de ver e ser visto, ouvir e ser ouvido, onde há a comunicação entre os homens; o segundo aspecto refere-se ao mundo enquanto artefato ou produto urbano, espaço comum a todos, o qual se encontram as relações entre os homens e as dos negócios humanos; por fim, o terceiro é o espaço da palavra e da ação, atividades submetidas pela condição humana da pluralidade. É no encontro destes elementos que o espaço público se instala, no espaço da liberdade (política).

A partir do pensamento grego, havia uma divisão definida sobre os domínios da vida privada e da vida pública. Nessa divisão, referente ao antigo pensamento político, havia a separação da esfera da *polis* e a esfera do lar (família), assim como das atividades pertencentes ao mundo comum ficavam separadas daquelas que remetiam à manutenção da vida. Assuntos relacionados com a economia não faziam parte de questões políticas, mas, sim, associavam-se à vida individual, juntamente com a sobrevivência da espécie, assim as atividades que tinham como finalidade a garantia de um sustento individual, não adentravam no domínio público.

Arendt segue dois pensamentos, relacionados entre si, mas não iguais, referentes à esfera pública. O primeiro decorre da possibilidade da aparência no espaço público, isto é, público representaria tudo aquilo que aparece na cena pública e que é possível ser visto e ouvido pelos demais, com isso, assegurando a realidade das coisas.

Uma vez que a nossa percepção da realidade depende totalmente da aparência, e portanto da existência de uma esfera pública na qual as coisas possam emergir da treva da existência resguardada, até mesmo a meia-luz que ilumina a nossa vida privada e íntima deriva, em última análise, da luz muito mais intensa da esfera pública. (ARENDT, 2007, p. 61)

Além de ver e ser visto, é no espaço público que existe a possibilidade de se concretizar a própria realidade, sendo este o segundo pensamento de Arendt a respeito do espaço público. É necessária para o homem a referência do outro para validar sua própria realidade e o mundo ao seu redor, segundo Arendt:

O espaço público é definido, dessa maneira, como o mundo onde o dividimos na companhia de outros, denominado como o mundo comum. Atualmente não consigo pensar um espaço público onde o ser que habita a cidade, não venha interferir de alguma maneira nela. Ações como caminhar, parar, sentar e conversar, ocasionam interferências tênues na cidade, já que esta se configura como um local de (re) encontros e trocas. As ações cotidianas constituem o espaço público/privado. Posto isso, por que não ocupar tais espaços com arte? Esse questionamento é um polo norteador e motivacional para a realização da minha pesquisa no espaço urbano.

Para Vera Pallamin, “tematizar a arte urbana é pensar sobre a vida social aproximando-se de um certo modo pelo qual as pessoas se produzem e são produzidas no âmbito da ordem simbólica. É pensar sobre cultura urbana” (Pallamin, 2000, p. 24). Manifestar-se artisticamente no espaço urbano, seria uma maneira de reapropriação deste local que nos foi tirado, onde a publicidade e outras formas pagas de intervir no espaço são aceitas, já o que não obedece essa ordem deve ser ocultado.

[...]a caminhada é uma atividade concertada, repleta de interações, tanto com os outros pedestres quanto com a paisagem, os obstáculos e os equipamento do terreno. Caminhar é forçosamente viajar, observar e atuar ao mesmo tempo; é ajustar seu passo, sua direção, o contato físico com o meio circundante de humanos e de objetos. (JOSEPH, 1999. p. 29)

Ao situar o trabalho artístico no espaço urbano, ocorre a ruptura do ritmo de observação do olhar habituado do cidadão, uma vez que este é convidado a refletir sobre participações incomuns da lógica de utilização do espaço urbano o qual ele está inserido. A partir da relação da arte com a cidade, é possível estabelecer um novo vínculo com os sujeitos transitórios, isto é, torná-los mais suscetíveis e atentos às notoriedades e mudanças do entorno do seu meio. A cidade precisa possibilitar a eles uma maior reflexão e imaginação dos elementos que ela integra, deixando de lado, pelo menos por um momento, a correria do dia a dia e o consumo exacerbado. As intervenções artísticas no espaço urbano criam zonas de respiro e oportunidades de acesso a outros contextos para os transeuntes. Além disso, proporcionam uma modificação nos significados existentes, reelaborando-os e criando, dessa forma, novos percursos pelas ruas da cidade.

A esfera pública, tal como Arendt definiu, é o espaço do encontro das falas e do agir humano, local que se abre para a possibilidade de gerar opiniões divergentes, inter-relações, lugar de entendimento e consentimento. A diversidade de opiniões não condiz com um cenário propriamente de conflitos, mas sim, com a viabilidade de uma realidade dialógica. É precisamente neste espaço e sob esta lógica que atuo. Intervir não apenas permite uma

expressão pessoal e a ação na esfera pública, tenciona como um diálogo com o outro, com o transeunte.

Percursos no cotidiano

Através de reflexões sobre a prática poética, percebendo uma certa pausa nas intervenções, desdobrei os lambes para o tecido²⁷. Em um dado momento, estava imprimindo algumas matrizes e tive a curiosidade de ver como ficaria as matrizes com dimensões maiores no tecido, o que até então não havia feito experiências com estes formatos. O processo da impressão é um pouco mais minucioso, é preciso ter o cuidado com o tecido para que este não fique com dobras, porém o resultado me deixou entusiasmada.

Um incomodo que estava começando a ser presente na minha prática poética foi o fato de ter os lambes impressos em papel, mas não havia quem me auxiliasse para sair, fixar e registrar à noite/madrugada, conforme sempre o fazia. Tanto por não haver disponibilidade entre os amigos, tanto como o medo de sair caminhando à noite, pois é inquestionável o aumento de assaltos e a violência em Santa Maria/RS. Havia a alternativa de colar os lambes durante o dia. Essa atitude, leva a uma leitura de infração e eu sentiria desconforto se fosse abordada por alguém que reprimisse a minha ação.

Essas situações me levaram a uma nova alternativa: e por que não pendurar o tecido com as impressões? Assim, decidi experimentar pendurar os lambes em tecidos em alguns postes. O lambe impresso em tecido viabilizava no momento da ação uma rapidez que antes não havia, pois não precisa do tempo para passar a cola, fazendo com que não seja necessário sair especificamente para fixar o lambe, como antes fazia. Dessa maneira, é possível carregar na bolsa em percursos diários, idas ao mercado, ir até a parada de ônibus, saídas à noite ou durante o dia, passaram a ser “momentos de fixação de imagens”. Isso faz com que intervir se torne parte do meu cotidiano, assim como, fazer parte da cidade. Diluir o trabalho com a cidade, através dos meus percursos diários.

As primeiras intervenções que realizei foram à noite em ruas as quais costumo passar, pensando em observar quantos dias os trabalhos ficam pendurados no poste. Foi possível perceber que com o tecido o trabalho se tornava ainda mais efêmero que antes, pois como fica

²⁷ O lambe-lambe é conhecido como ato da colagem, que seria então a fixação do papel através da cola no espaço público. Com o desdobramento do meu trabalho, do papel para o tecido, poderia a partir deste momento ser definido de outra maneira, porém não encontrei outra nomenclatura para assim definir a ação de pendurar o trabalho em tecido. Por isso, sigo nomeando como lambe.

mais fácil de tirar, o tempo do trabalho exposto durava no máximo dois dias, e em maior parte do que pude acompanhar teve a duração de somente da noite para o dia. Comecei a entender o trabalho como uma espécie de um presente para quem passa e vê o lambe, pois antes com o papel e a cola era praticamente impossível de tirar o trabalho, e agora, esse era facilmente retirado dos postes.

Refletindo na característica efêmera que o trabalho carrega, o lambe impresso no papel e colado no concreto permanece por um tempo maior, apesar de tentativas de tirá-lo do espaço urbano e por sofrer com o clima - sol, chuva – a cola deixa este fixado de tal maneira que não permite sua retirada por completo, sempre ficando vestígios indiferente das interferências. Já o lambe impresso no tecido, apesar de ser um material mais duradouro, ao ser somente amarrado, não sendo fixo diretamente no concreto, facilita a sua retirada.

Dessa maneira, o lambe em papel possui um tempo maior no espaço urbano e o lambe em tecido possui um tempo menor, porém se abre a possibilidade de toma-lo para si e guardá-lo, o que o torna mais duradouro em outros espaços.

Com isso a intervenção tomou um novo direcionamento, no primeiro momento desta pesquisa, quando o lambe era de papel e fixado através da colagem, tinha a impressão de que talvez o trabalho não era visto. Talvez por permanecer por mais tempo e por possuir poucos indícios de desprendimento, ou até, aos olhos do transeunte, ser mais um papel colado no espaço urbano. Na aceleração do cotidiano da cidade, ou até mesmo na distração do olhar que não observa o espaço, o lambe poderia passar imperceptível.

Uma das problemáticas da Arte localizada no espaço público tem sido o descaso e a não observância da população cidadã que, na maioria das vezes, circula pela cidade sem enxergar a arte que existe nas ruas. Isso faz com que se questione o papel da Arte, o modo de vida das pessoas, a percepção da imagem da paisagem urbana moderna. [...] a arte localizada no espaço público tem sido deixada para último plano, pois não atinge uma boa pregnância que possa ser refletida na percepção visual dos indivíduos. (NOGUEIRA, SILVA, 2006, p.157)

A partir do momento que comecei a desenvolver os lambes em tecido, ao fixá-los nos postes, por seu movimento que acontece com o vento (Figura 1), tenho a percepção que ele está ali no poste, mas que é autônomo, que possui sua leveza e um certo desprendimento, colocando o poste como um suporte.



Figura 1 - *Registro lambe-lambe em tecido*, 2016.
Rua Conde de Porto Alegre, esquina com Rua Olavo Bilac. Santa Maria/RS.

Considerações finais

E nessa ação de caminhar pelas ruas, pendurar o lambe no poste, percorrer o mesmo caminho e visualizar sua efêmera permanência no espaço urbano, que crio um movimento e trago ao outro, o transeunte, o meu discurso, manifestando através do meu trabalho, a minha pluralidade. Arendt argumenta,

É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original. (ARENDT, 2007, p.189)

Para a autora, a ação tem dois sentidos: *archein* (grego) que significa iniciar, tomar iniciativa; e *agere* (termo latino) que seria impulsionar movimento. Isto resultaria em uma capacidade de iniciar, uma possibilidade de criar algo novo, esperando do indivíduo o inesperado, e assim, gerando um rompimento com uma certa ordem dos acontecimentos.

Seguindo este pensamento, romper com o que nos é dado, exposto diariamente, inserindo o trabalho no espaço urbano, assim “criando” algo novo no cotidiano do transeunte,

consequentemente traria uma disponibilidade de visualização maior (público), do que inserido em um espaço expositivo (privado).

Tencionar para uma reflexão do transeunte que passa e vê o lambe fixado no poste. Possibilitar uma quebra do olhar habituado, mesmo que veja de passagem, mas pensar que esta pequena ruptura possa trazer algum pensamento - ex. o que é isso? Por que está ali? Quem colocou? - ou algum sentimento - seja de contemplação, seja de incomodo - através deste movimento de percepção do trabalho e exposição da minha singularidade.

Vivenciar o espaço público, através da arte criando novas visualidades na paisagem urbana, seria uma forma de transgressão com a agitação das cidades. Sentar no banco da praça, observar o movimento do fluxo das pessoas, escutar os diversos e distintos sons que a cidade produz, acompanhar as sombras dos prédios com o passar do dia, pequenos detalhes que muitas vezes, atualmente passam despercebidos. Pensar que a arte pode trazer esse retorno em pequenas ações que possibilitam percepções que hoje não nos permitimos mais presenciar.

Pode não ser visto como arte, por causa da sua imersão no espaço urbano, e isso talvez nem venha a ser um problema. É pensar em uma situação distinta que surge no meio do percurso diário, uma imagem que antes não estava ali, e que isso, quem sabe, faça com que o transeunte da cidade olhe para o espaço urbano com uma certa atenção para novas situações e/ou imagens que possam vir a acontecer em seu dia-a-dia.

Residir em uma cidade que me tornou uma cidadã anônima, imersa em um grande fluxo de pessoas que percorrem diariamente o espaço público, gerou uma vontade de me expor, porém, não a minha imagem, e sim, o meu trabalho. O anonimato me trouxe uma certa segurança para agir no espaço urbano, trazendo assim uma aparição pública de vivências particulares, partindo de memórias da minha família, de minha infância, reconfigurando em uma criação poética e inserindo no espaço público, trazendo consigo uma realidade.

E nessa exposição do trabalho no espaço público, é como se fosse a minha presença diante dos outros, o trabalho “assume” minha identidade legitimando então, a minha ação, o meu discurso, minha realidade. Como afirma Arendt, “o mundo acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva” (ARENDT, 2007, p.68). Então que possamos criar novos aspectos, trazendo com isso novas imagens cotidianas para que assim, traga consigo novas perspectivas e realidades, gerando reflexões através da arte.

Referências

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Imaginarios Urbanos**. Buenos Aires: Ed. Eudeba S E.M., 1997.

JOSEPH, Isaac. **Paisagens urbanas, coisas públicas**. Trad. Regina Martins da Matta. In: Caderno CRH. [online]. 1999, n.30/31, p. 11-40. ISSN: 1983-8239. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=232>> Acesso em: 04 abr. 2015.

NOGUEIRA, Adriana Dantas; SILVA, Eder Donizete da. **Estudo sintático-espacial da Arte Pública da Praça da Matriz em Aracaju**. (p.157-162) Ciudad Invasada/Cidade Invasada. Editorial UPV: Valencia/ES, 2006.

PALLAMIN, Vera. **Arte urbana São Paulo: região central (1945-1998), obras de caráter temporário e permanente**. São Paulo: Annablume, 2000.